

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2017 - ANO XX - Nº 240

EDITORIAL

A prefeita eleita, Teca Gouvêa, e o vice, Agnaldo Almeida Mendes, foram empossados no domingo, 1º de janeiro, para um mandato de quatro anos à frente da Prefeitura de Piquete. A cerimônia de posse foi realizada às 17h, no Salão Luiz Vieira Soares. Também tomaram posse de seus cargos os nove vereadores que compõem o Legislativo municipal.

A reeleição de Teca Gouvêa mostra que a população aprovou seu primeiro mandato, que foi pautado no trabalho sério, compromissado com a coisa pública e a defesa de interesses da comunidade. A prefeita deu claros sinais de que possui visão administrativa diferenciada, voltada para os munícipes, e de que pretende dar continuidade aos trabalhos iniciados no mandato anterior.

O país vive uma crise econômica sem precedentes. Os estados estão falidos e as administrações municipais passam por momentos difíceis, principalmente os pequenos municípios, que sentem a falta de recursos para atender às suas necessidades básicas, uma vez que estes são provenientes de repasses governamentais. Temos certeza, porém, de que a administração Teca Gouvêa, como já demonstrou, saberá contornar de maneira criativa as dificuldades que porventura surgirem e se empenhará para garantir a qualidade de vida dos piquetenses. Para colocar em prática as ações necessárias para o sucesso dessa empreitada, a prefeita eleita lançará mão novamente de sua experiência administrativa, mesclando competência, habilidade e, acima de tudo, disposição para o trabalho. Contará, ainda, com o apoio do vice-prefeito. O caminho é árduo e as necessidades municipais enormes. Serão necessárias garra, determinação e muita ajuda dos que realmente têm interesse nessa coisa maior: o bem comum.

Do Legislativo espera-se muito trabalho. Nada, porém, que não possa realizar: apenas que se cumpra o dever de vereador, não se deixando levar por picuinhas politiquieiras, que nada acrescentam ao bem-estar da população mas atrasam e impactam negativamente a administração. Que seja político, na devida acepção da palavra, e que jamais se esqueça de que a população está atenta ao seu trabalho e não aceita mais o ranço de politicagens passadas, ranço de irresponsabilidade e da defesa de interesses particulares. Que trabalhe por Piquete, desvinculado de vaidades e questões políticas-partidárias, uma vez que o que está em jogo é o futuro de nosso município. Aos eleitos, um feliz ano novo de trabalho e administração!



Reprodução da internet

“Uma criança, um professor e uma caneta podem mudar o mundo” (Malala Yousafzai, 19 anos, Nobel da Paz 2014). A paz, por ser construída pela comunidade humana, pode ser ensinada e aprendida e as crianças são os principais instrumentos para a mudança que tanto precisamos nesse mundo violento.

A banalização da violência

As cenas de prisioneiros decapitados em presídios brasileiros nas últimas semanas ganharam o mundo. Viralizaram na internet e chocaram pela crueldade.

A questão prisional no país aponta para a ausência do Estado nos presídios brasileiros e expõe o lado cruel da ausência de políticas de segurança pública. Nossa sociedade há muito vive amedrontada com a banalização da violência que cresce dia a dia. É fruto de nosso individualismo e da falta de amor fraterno que, aos poucos, corrói o tecido social. Estamos nos tornando cada vez mais insensíveis uns com os outros, o que concorre para o crescimento da pobreza e da exclusão social, que levam à violência. Entre algumas das formas de violência conhecidas pelos brasileiros estão a falta de qualidade na educação, a precária situação da saúde, a desigualdade social, o desemprego e a impunidade. É preciso o engajamento de todo cidadão na vida comunitária, buscando empenhar-se para o aprimoramento da sociedade e o combate a toda forma de violência. Não podemos nos acostumar com elas acreditando serem normais em função de sua larga presença em nossa sociedade.

O Brasil vive um momento crítico em que a corrupção e os desvios provocados por importantes agentes públicos são evidenciados por uma grande operação policial em andamento. A roubalheira política traduz em cifras o quanto poderia ter sido investido em programas sociais se os recursos não

tivessem sido desviados. A corrupção é a mãe dos grandes males que injuriam a população e levam à miséria. É a praga que atrasa o desenvolvimento do país e concorre para o crescimento das desigualdades sociais. Observam-se em nossos políticos descompromisso moral e desprezo pelo espírito público, o que coloca em risco a relação entre a sociedade e seus representantes.

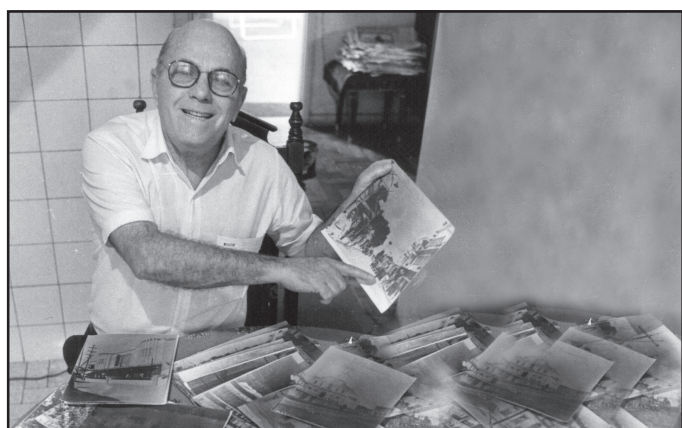
A crise que deixou em evidência o Congresso Nacional é moral e lesa sua credibilidade. A própria instituição política se vê, neste momento, ameaçada. A descrença em relação aos parlamentares, que já era significativa, só aumentar dia a dia. É preciso que se resgate urgentemente a imagem do parlamento brasileiro ou o país afundará ainda mais nessa crise já avaliada como sem precedentes.

É preciso que o povo se organize e participe fiscalizando e cobrando de seus governantes políticas públicas de cunho social e solidário inseridas no processo de construção de uma cultura de justiça e paz.

Como processo educativo para a ativa participação na construção da sociedade mais justa e solidária, reveste-se de particular importância a cobrança por direitos e cidadania. A violência que hoje atinge níveis alarmantes só será vencida se houver, por parte dos diferentes setores da sociedade, participação ativa de todos. Devemos dar um basta à corrupção e a todo tipo de violência.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Guardiões da memória

Tem-se discutido nos últimos anos, a importância de se preservar o patrimônio cultural das cidades valorizando seu passado e a memória coletiva de seus moradores. Essa discussão se deve à tomada de consciência de que o patrimônio cultural é alicerce da cidadania, pois fortalece a noção de pertencimento e os laços que unem uma comunidade. Esse patrimônio, material ou imaterial, representa a produção simbólica de antigos moradores e carrega valores capazes de expressar as experiências dessa sociedade.

Com o rápido e desordenado crescimento das cidades brasileiras e as progressivas perda e descaracterização do patrimônio cultural, somos levados a refletir acerca da necessidade de sua preservação para as futuras gerações. As cidades não são locais onde apenas se trabalha e se ganha dinheiro, não se resumem a dormitórios. Seus moradores possuem memória própria, têm raízes nelas fixadas e são parte integrante da sua história. Por esse motivo, não lhes passa despercebida a destruição da casa de seus antepassados, de antigos cinemas, monumentos, igrejas, bares, teatros e outras edificações de valor histórico.

Passada a euforia do modernismo, o homem hoje se volta para a busca e a valorização de sua memória, busca essa que vem do anseio de uma civilização até então dominada pela técnica e que agora direciona seus olhos para o passado. É uma saudade da época em que nossas cidades eram mais

humanas e em que o homem tinha mais tempo para refletir sobre o seu destino.

A memória coletiva das cidades hoje se encontra guardada em velhas construções, fotografias, documentos, manifestações folclóricas, religiosas e cívicas. Para que essa memória não se perca, encontramos em quase todas as cidades pessoas que, por motivos diversos – muitas vezes nem tão claros –, inconscientemente se tornaram referências para a preservação e cuidado com a história e a cultura locais. Essas pessoas foram juntando durante a vida tudo que tivesse relação com o município e, movidas por imensa paixão, tornaram-se guardiãs da memória local. Essa documentação acumulada, quando consultada, age como um gatilho detonador da memória, e um dos materiais que mais auxiliam na recuperação dessa memória é a fotografia. Guardadas em caixas ou em gavetas, quando expostas avivam novas lembranças em quem as consulta. Vistas urbanas de diferentes épocas, por exemplo, retratam, de modo abrangente ou fragmentado, a vida da cidade, seu crescimento e sua arquitetura, a ocupação dos espaços e as transformações da paisagem.

Em Piquete, encontramos muitos desses guardiões da memória. Temos como grande pioneiro nessa tarefa Carlos Vieira Soares, que doou para a municipalidade todo o material de valor histórico colecionado ao longo de sua vida, o que resultou na criação do Museu Municipal, hoje extinto. Outro grande apaixonado pela Cidade Paisagem –

cognome por ele dado a Piquete – foi José Palmyro Masiero. Yeyé, como era conhecido, juntou rico acervo composto de documentos, jornais e fotografias. Curioso e grande colecionador, José Arantes, reuniu imensa coleção de programas de cinema. Cotinha guardou, desde a adolescência, programas do Cine Popular, do Cine Glória e do Cine Estrela do Norte, que mostram todos os filmes exibidos entre as décadas de 1920 e 1980. Dogmar Brasilino, recentemente falecido, manteve os negativos de seu trabalho como fotógrafo ao longo de mais de sessenta anos. São milhares de imagens de Piquete e de seus moradores. João Gomes de Souza é mais um que detém expressivo material sobre Piquete em seus arquivos e vem divulgando-o nas redes sociais. Para quem quiser fazer uma viagem no tempo e conhecer um pouco mais de nossa cidade, pode também visitar o acervo de Oswaldo Peixoto que, em outubro passado, completou noventa anos de idade “muito bem vividos”. Peru, como é conhecido, nutre imensa paixão por Piquete, demonstrada a todos que o visitam e conhecem seu acervo de jornais, revistas e fotografias... Conta que, desde jovem, guarda convites de festas, casamentos e bailes, material exposto em um amplo espaço de sua residência. Desfrutar da memória desse nonagenário é um privilégio.

A todos esses guardiões da memória – e a muitos outros –, nossa reverência pelo trabalho e pelo estímulo às atual e futuras gerações.

GENTE DA CIDADE

Antônio Carlos “Baiano”

Cada vez mais torna-se imprescindível na sociedade o trabalho voluntário, experiência aberta a todos. Não são apenas especialistas em alguma coisa que podem ser voluntários. Ao contrário, todos podem contribuir a partir da ideia de que o que cada um faz bem pode fazer bem a alguém. O que conta é a motivação solidária, o desejo de ajudar, o prazer de se sentir útil. É o que faz há mais de vinte anos Antônio Carlos Corrêa, colaborador voluntário da Fundação Christiano Rosa, que, mensalmente, entrega O ESTAFETA em mais de duzentas residências.

Quando este informativo foi criado, em fevereiro de 1997, Antônio Carlos se prontificou a entregar alguns exemplares aos moradores da rua Coronel Pederneiras, onde mora há décadas, e adjacências. Aos poucos, o número de exemplares foi aumentando, de maneira que, atualmente, sem falhar um só mês, ele entrega o informativo a cerca de 220 famílias. Envia exemplares para diversos locais via Correios.

Metódico e organizado, Baiano, como é carinhosamente conhecido, tornou-se um verdadeiro estafeta, ou seja, porta voz das notícias desse informativo da FCR.

É bom frisar que o trabalho voluntário não tem nada a ver com obrigação. O voluntariado é uma experiência espontânea, alegre, prazerosa e gratificante. O voluntário doa sua energia e seu tempo, recebendo muitas coisas em troca: contato humano, convivência com pessoas diferentes, oportunidade de vivenciar situações inesperadas, aprender coisas novas, sentir-se útil.

Antônio Carlos Corrêa nasceu em Piquete em 27 de fevereiro de 1960. É filho de José da Silva Corrêa, o “Baiano”, e Irene da Silva Corrêa. “Quando meu pai veio para Piquete, para trabalhar na Fábrica, resumia-se o Bra-



sil em norte e sul... Como ele vinha ‘do norte’, apelidaram-no Baiano, mesmo ele sendo sergipano”, conta rindo... “Aí eu me tornei o ‘Baianinho’”, completa. Muito curioso, gosta de leitura e de botânica. Conhece plantas como poucos e cultiva um belo jardim em seu quintal. Querido pelos moradores da rua em que mora, gosta de escrever e tem apurado senso estético. Sua memória para datas e eventos impressiona. Ainda que tenha cursado até a antiga oitava série, Baiano é uma pessoa culta, sensível, amante da leitura. De vez em quando se aventura na arte de versejar. Com o pseudônimo de “Atrios Presencians”, teve poemas publicados neste informativo. “Escrevia inspirado por Deus... Não há outra maneira de eu ter escrito aqueles versos”, afirma, meio que emocionado. Em 1986, três de seus poemas venceram o concurso de poesias “Raimundo Correia”, no Rio de Janeiro.

Cada um contribui, na medida de suas possibilidades, com o que sabe e quer fazer. Uns têm mais tempo livre. Outros só dispõem de poucas horas por semana. Alguns sabem exatamente onde ou com quem querem trabalhar. Outros estão prontos a ajudar no que for preciso. É o que faz Antônio Carlos Corrêa, o Baiano, voluntário da Fundação Christiano Rosa. A ele, nosso real estafeta, nossos agradecimentos.



Educação: quais as perspectivas para 2017?

Laura Chaves

O ano de 2016 foi marcado por importantes acontecimentos na área da educação. Foram muitas emoções! A crise do cenário político atingiu em cheio a educação.

O impeachment da Presidente Dilma, ocorrido em 2016, não causou reflexo apenas no setor político e econômico. Respingou na educação. A substituição do ministro da educação e a consequente abertura da caixa da preta da pasta revelou que programas implantados nos últimos 15 anos não foram capazes de produzir efeitos positivos na qualidade da educação brasileira.

Os resultados de testes como Prova Brasil, ENEM e Pisa demonstraram que estamos estacionados ou regredindo, ou seja, as políticas públicas para o ensino e os gastos nelas investidos – que não foram poucos – não causaram mudanças no cenário crítico. E o pior é saber que alguns desses programas continuarão, a despeito de sua ineficácia.

O Plano Nacional da Educação, com metas audaciosas, acabou por esbarrar na Lei do Teto. Os Planos anteriores também não foram cumpridos e todos sabemos que o atual tem poucas chances de sê-lo, pois exigiria dos estados e municípios atuação que seus orçamentos já não suportam.

Tivemos, ainda, a polêmica medida provisória do Ensino Médio, pouco compreendida pela maioria e o vai e vem da Base Curricular Nacional que, no momento, ninguém sabe ao certo o rumo dado pela atual equipe do MEC. Em 2016, também comemoramos os 20 anos da atual LDB que acumula mais de 300 projetos de mudança.

O que esperar, portanto, para 2017?

Espera-se que essa grave crise seja capaz de provocar mudanças. Para tanto, a palavra de ordem deve ser racionalidade. Os programas e gastos públicos, agora tão escassos, precisam ser pensados com base em evidências científicas e experiências de sucesso. É preciso, ainda, enfrentar o corporativismo, as brigas ideológicas e os modismos que imperam no meio educacional. Uma missão nada fácil, mas um caminho interessante a ser perseguido.



Fotos Arquivo Pró-Memória

O nosso boi de carnaval

O tradicional boi de carnaval faz parte de nossas festas momescas.

Incorporado ao Carnaval de Piquete, é uma expressão incomparável da espontaneidade de nosso povo.

Esse antigo divertimento sobreviveu ao tempo e ainda anima nossa cidade à época do Carnaval. Sua origem em Piquete, muito provavelmente, remonta ao início da construção da fábrica de pólvora, trazido por algum operário nordestino acostumado com o folgado do bumba meu boi. Aqui

se adaptou. As referências mais antigas são da década de 1920. Desde os primeiros dias de janeiro, pelos diversos bairros da cidade, encontramos crianças brincando com o “boi”: constrói-se uma armação de madeira e bambus, que é recoberta com tecidos em que são pintados sem maiores requintes manchas tornando-o um “malhado”. A cabeça é um crânio de boi pintado e fixado à armação do corpo. Alguns têm os chifres enfeitados com fitas coloridas. Dentro da armação vai um ou dois rapazes que

têm a cansativa função de fazer com que o animal ande, corra, dance, pule o tempo todo, bem como a função de assustar o povo com inesperadas corridas e bufadas características. “Burriquinhas”, também feitas de bambu, montadas por rapazes encapuzados, acompanham o boi, protegendo-o. Mascarados provocam o boi, que investe sobre a assistência, divertindo-a. Essa manifestação espontânea de nosso Carnaval é uma preciosidade a ser preservada.

“Pax vobis!”

Paz! Queremos paz. Buscamos a paz. Sempre. Mas tudo conspira contra a paz. Passamos anos e anos numa vida tranquila. Nada se modifica. Acordamos. Levantamo-nos. Tomamos nosso café. Beijamos o companheiro ou a companheira. Vamos ao trabalho. Vamos à escola. Saímos às compras. Tudo parece em paz. Mas assim, sem mais nem menos, perdemos o emprego, nosso par pede divórcio, um acidente acontece e assim segue. Nossa vida vira de pernas pro ar e lá se vai a paz. E então?

Cometemos um erro imenso. A paz não vem de fora. A paz sai de nosso coração e encontra os outros. Somos produtores de paz e não fruto dela. Uma vez eu vi uma imagem da primeira guerra mundial. Um soldado alemão estava sentado em uma trincheira lendo um livro. Fora dela, via-se que morteiros caíam, pois havia muita terra lançada ao ar. Perguntei-me de onde ele tirava aquilo. Era a paz que vem de dentro. Sabemos o quanto é difícil dominar nossa mente que sempre é agitada. O que fazer? Como ser gerador de paz? Tenho comigo que a paz é alcançada em nosso coração quando aprendemos a desdenhar certas coisas: vingança, ódio, raiva, guerra e dezenas de outras coisas ruins. Assim adubamos a flor da paz e ela brota e floresce em nosso coração. Uso aqui um trecho de uma música de Eduardo Dussek: “Eu começo a descobrir que em meu coração tá nascendo um jardim, pensando em plantar você dentro de mim. Pois preciso lhe ver várias vezes florescendo nas luas crescentes, sentir seu perfume pra encontrar você”.

O plantio da paz é pessoal. Mesmo que lutemos nossas guerras pessoais, a paz interior não pode ser abalada se a fazemos sólida. Na NETFLIX está disponível o documentário “O Invasor Americano”, de Michael Moore. Em um trecho, ele pergunta ao pai de um dos

garotos mortos, entre 77 pessoas, pelo atirador Anders Behring Breivik, na Noruega, na ilha de Utoya, se ele desejava a morte do atirador. O pai responde que não, dizendo que a lei deve ser respeitada. Isso lhe garantiria a paz. Quando houve o julgamento do atirador, ele “sorriu ao ouvir o veredicto da justiça, fez a saudação da extrema-direita e pediu desculpas aos extremistas por não ter conseguido matar mais pessoas no ataque”, segundo a Folha de S.Paulo. Isso não lhe dá ódio? Mas o que faz o pai responder que não deseja vingança? A paz cultivada e florescida! Não pensemos que ele não tenha sofrido ou que ele desdenha a morte do filho. Mas ele cultivava a paz.

Segundo o sociólogo Sérgio Adorno, coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP), se alguém comete um crime, a primeira sensação é: “Ah, esse indivíduo tem que ir para a cadeia, que apodreça lá”. No Brasil, são muitos os que preferem vingança à aplicação de justiça. Segundo ele, “há um lado cordial, certamente, que não podemos ignorar. Em momentos de crise, as pessoas são solidárias, sofrem com a dor do outro. Mas, no cotidiano, as pessoas também são muito pouco solidárias com a dor do outro quando essa dor envolve, por exemplo, o mundo do crime”, analisou. “As pessoas dizem assim: “Se ele cometeu um crime, não merece a minha consideração” (DW Brasil, 11-01-2017). Isso é a cultura da guerra, não de paz.

O ano de 2017 pode ser melhor ou pior. Certamente, teremos algum controle pequeno sobre os aspectos externos. Devemos, sem dúvida, lutar por um país melhor, por um estado melhor e por uma cidade melhor. Mas a paz só nos será dada se a cultivarmos dentro de nosso coração. Feliz 2017!

Luiz Flávio Rodrigues

Quando o ser humano falha em sua responsabilidade, quando não nos preocupamos com a criação e com os irmãos, então a destruição ganha espaço e o coração torna-se árido.

Papa Francisco

Educar para a cidadania

Aproxima-se o início de mais um ano letivo nas redes estadual e municipal de ensino e, com ele, vem também aquela Educar para a cidadania, inquietação antiga que os educadores bem conhecem nessa época, que é a de como conduzir adequadamente uma sala de aula.

Ao planejar o trabalho escolar, o professor deve sempre ter em mente que o eixo vertebrador dessa educação é a cidadania.

Educar é ter o compromisso não somente de transmitir informações específicas dos componentes curriculares, como o de também formar um indivíduo, colocá-lo frente à realidade social, aos seus direitos e responsabilidades em relação à sua vida pessoal e coletiva, para que ele possa, enfim, ter uma participação social efetiva.

Ao eleger os conteúdos, o professor deve incluir questões que possibilitem ao aluno a compreensão e a crítica da realidade, não os tratando como dados abstratos que devam ser aprendidos para “passar de ano”, mas sim como uma oportunidade de se apropriar deles como instrumentos para refletir e mudar sua própria vida.

Educar para a cidadania traz um envolvimento maior por parte dos educadores no trabalho escolar. Em Piquete, esse professor terá um trabalho muito maior, visto que o alunado traz consigo imenso rebaixamento na sua autoestima, comprometendo, assim, a qualidade do ensino oferecido. Vindo em grande parte de lares desajustados por problemas socioeconômicos, nossos alunos, na maioria, são



apáticos e desinteressados em progredir. Não sonham com um futuro melhor que o de seus pais e acabam por repetir os mesmos valores recebidos. Desacreditados da educação oferecida na escola e no lar, esses jovens passam a procurar na bebida e no sexo promíscuo uma maneira de ser menos infelizes.

Levando em conta que a sociedade é potencialmente transformável pela “ação social”,

está aí a justificativa de que o professor precisa, para planejar, um trabalho escolar calcado na prática da cidadania.

Transformar esse triste quadro é um grande desafio e deve ser o o grande compromisso dos professores de Piquete para com a educação. A escola sozinha, porém, não muda a sociedade, mas, juntamente com outros segmentos sociais é possível torná-la um espaço de transformação. É preciso, portanto, buscar parcerias com entidades, universidades e empresas que venham beneficiar os alunos. Fingir que não enxergam a realidade é o que muitos educadores fazem para não se comprometer - é o caminho mais fácil, mas não o correto, e deve ser descartado. Não nos esqueçamos, também, de que a participação dos pais, no dia a dia da escola e de seus filhos, é imprescindível. Ações para incentivar essa participação se fazem necessárias.

Através de uma escola eficiente, nossa cidade, tão bela, só tem a ganhar, pois ganhará cidadãos efetivamente participantes.

“Ide e Pregai” – a quem foi endereçada a Boa Notícia

“Ide e Pregai” – a quem foi endereçada a Boa Notícia

“Veio para os Seus, mas os Seus não o receberam”.

Debruçados sobre a Profecia de Isaiás, os filhos de Abraão não internalizam a mensagem.

João gritava no deserto, dava sinais claros de que se cumpria a promessa de quem falava pelo Senhor.

Era preciso pregar a toda criatura.

Conhecimento e coragem envolveram os apóstolos com a efusão do Espírito Santo.

Mas os que não estiveram no cenáculo tinham de aprender com os apóstolos questionando e observando seu comportamento. E anotando.

Alguns apóstolos usaram a escrita. Depois, os discípulos que os acompanharam continuaram seu trabalho.

E a língua? Os filhos de Abraão são semitas – usam línguas do tronco camito-semítico. A ocupação romana deu-lhes o conhecimento do latim e implicações históricas mais a proximidade geográfica, o do grego, ambas línguas arianas (tronco indoeuropeu).

Aos relatos da pregação de Jesus – a Boa Notícia propriamente dita, se juntaram as Cartas que os apóstolos endereçavam às comunidades convertidas, a descrição dos trabalhos apostólicos e as páginas proféticas de João, filho de Zebedeu.

Estava compendiada a Boa Notícia.

Pregar, daí em diante, significava conhecer a Boa Notícia e transmitida na língua das assembleias a que era endereçada – o que exigiu muito empenho de tradutores e copistas.

A Notícia era Boa. Ninguém poderia reclamar do tema da pregação.

Os pregadores eram de primeira linha – portavam a ciência infusa de Pentecostes.

Qual foi a resposta das assembleias escolhidas? Morte ao pregador! Somente João foi poupado.

Que dizer dos pregadores que vieram depois?

Era preciso aprender a Boa Notícia e estudar as línguas.

E um ponto crucial – a língua é apenas uma das chaves para atingir a cultura.

Disse-me uma índia em Mato Grosso:

– “Professora, meu povo não gosta de se chamado de Umitina. Isto não nos identifica. Só diz que nós não usamos roupa, que vivemos nus. Ora, todos os índios do Brasil só cobrem o corpo com enfeites e pinturas em ocasiões especiais. Nós não somos mestiços, somos índios puros. Somos mais claros, mais altos e nossos homens têm o rosto coberto de pelos. Não somos Umitinas. Somos Barbados!”.

É um trabalho penoso penetrar uma cultura tribal.

O controle social é muito forte. São raras as especializações nas atividades – o

que uma mulher casada faz todas as coisas; o que um homem adulto sabe fazer, todos sabem.

Não existe dinheiro, o que complica o sistema de trocas.

Quando a população aumenta, é preciso dividir a aldeia porque o controle é dificultado.

Qualquer ingerência estranha, de qualquer natureza, pode inviabilizar a vida tribal.

Um fato facilitador na pregação da Boa Notícia aos índios brasileiros reside em que aceitam um mundo para além da matéria – o mundo dos espíritos.

As Congregações Religiosas que se dedicam à educação obtêm bons resultados na pregação da Boa Notícia. Oferecem serviços de educação e saúde e respeitam os pontos fortes da cultura. O mesmo pregador que semeia a palavra põe a enxada ao ombro e vai para a roça com os rapazes índios.

Descomunal tem de ser a coragem do pregador que enfrenta uma assembleia que veio, de geração em geração, seguindo rituais, cultuando símbolos, decifrando obras de outras religiões.

Mas, providencialmente, existe sempre um pregador capaz de desatar o nós da descrença.

Não houve um Ambrósio para esquadrihar o arguto cérebro de um Agostinho?

Abigayl Lea da Silva

Crônicas Pitorescas

A bursite...

Palmyro Masiero

Professora beirando a fase dos “enta”, extremamente dedicada à profissão e de trabalho efetivo a obras de benemerência – faz parte da diretoria de diversas entidades sociais –, seus dias são pautados por um corre-corre incrível e, talvez por isso, esqueceu-se de casar. Mora só, num apartamento em que, com certo exagero, apenas aparece para dormir.

Certo dia, logo ao início da lida cotidiana, começou a sentir dores no ombro direito... Deixou-as, porém, de lado, encostadas pelos afazeres. Sabia de seus enteveres com uma bursite antiga, mas deu de ignorá-la... Talvez, considerou, fosse apenas uma virada de tempo...

Parece que o problema inflamatório das bolsas da articulação do úmero com o omoplata não estava muito para brincadeira. Se ela se mantinha em atividade constante durante o dia, a inflamação das bolsinhas seguia o mesmo ritmo. Chegou ao apartamento pelas onze horas da noite. Despiu-se para o banho e a dor estava entranhada no ombro. Ao esfregar-se, sentia imensas dificuldades em articular o destro braço.

Enxugou-se. A dor aumentando. Colocou o pijama. Dor engrandecendo e os movimentos do braço mais difíceis. Procurou e encontrou umas gotas contra dores. Tomou um monte. Ferveu água para compressas quentes que foram colocadas sobre o local da dor. Meia noite e a dor subindo rápida no gráfico de suas forças. Mais compressas quentes. Nada resolvia. O braço, de penosos movimentos. Considerou ser melhor vestir-se para o caso de ter que ir a um médico ou o que fosse. Com apuro tirou o pijama e colocou vestido para saída.

A dor ampliando. Na solidão, achou por bem chorar. E gemia. E chorava. E compressa quente no ombro. Agora, praticamente já nem conseguia levantar o braço. Andava de um lado para outro acompanhada de choros e “aiaiaiaiss” que ecoavam pelo apartamento. E tome compressa de água quase fervente! Sentou-se e tentou colocar a casa, digo, a cabeça em ordem: “Onde já se viu uma mulher dessa idade chorando feito criança?! Mas está doendo demais! Preciso tornar uma atitude! Vou ligar pro Zecão!”.

Este, seu irmão, solteiro como ela, morava num apartamento em prédio perto do seu. Olhou o relógio: duas horas! Discou com o dedo da mão esquerda. Telefone chaman-do, tocando solto, e nada. Várias tentativas e sempre a mudez de uma resposta. Conhecendo a vocação boêmia do irmão, admitiu que o bicho deveria estar nas quebradas de uma pouca-vergonhice... Desanimada, largou o telefone sobre o suporte.

“Que dor, meu Deus!” Compressa fervendo. “Acho bom chamar um táxi... Mas não conheço nenhum motorista em particular... Sair essa hora da noite com um desconhecido por aí...” Desistiu da ideia.

Voltou a andar pelo quarto, em gêmeção. O pano quente sempre seguro no ombro direito. “Que é que faço, meu Deus? Não aguento mais!” A dor não a deixava pensar com clareza. Tentava qualquer movimento com o braço e, ante sua imobilidade, desatava em desespero. “E se eu chamar a polícia? Digo que estou com o braço imobilizado e que não posso dirigir... Que vergonha! Chegar num pronto-socorro a essas horas da madrugada num carro de polícia! Eles rião se eu disser que estou com dor no ombro! Ou acharão que é trote! Ai, meu Deus!” Outro pensamento em vão...

Retornou aos soluços e à andança. Compressa sobre compressa! A noite foi-se arastando. Ela idem pelos cômodos. Pelas sete da manhã ligou novamente para o irmão. Dessa vez o cachorrão atendeu. Implorou sua presença em nome de todos os santos, o mais rápido possível. Logo ele chegou e avistou o bagaço em que se encontrava a irmã.

Foram para o pronto-socorro, com ela debulhada em lágrimas. Deram-lhe uma injeção para sanar urgente a dor e em seguida foi levada pelo irmão ao seu médico. Foram-lhe indicados uns comprimidos contra inflamação, a imobilização do braço e aplicação, de tempos em tempos, por um espaço de vinte minutos, de uma bolsa com gelo sobre o ombro...

Lembrou-se que estava com o ombro quase em carne viva de tanta compressa quente!

Constipou-se de indignação!

XXXXXX

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Começar um novo ano é sinônimo de renovar... É época de planejamentos, estabelecimento de metas pessoais e profissionais, revisão de atitudes e métodos...

Particularmente, não posso reclamar de 2016, que me trouxe desafios e realizações... O balanço foi positivo: aprendizado e crescimento pessoal. É sempre bom descobrir atividades diferentes que nos tirem da rotina, completem o dia a dia, tragam novas amizades... Para 2017, quero acreditar em novos caminhos e mais desafios...

O mais importante para todos nós é perseguir a concretização de nossos projetos, de nossos sonhos. Para tanto, a etapa de planejamento é essencial. Há que ser, porém, uma constante. É inútil estabelecer nossa programação após os fogos do réveillon e não efetivar as ações necessárias para atingi-la. Além disso, especialmente em nosso desorganizado país, em que o imediatismo reina, temos que prever os possíveis riscos, o que nos garantirá certa vantagem se eles se efetivarem. É importante, ainda, porém, estarmos preparados para as surpresas. As boas são sempre bem-vindas, não? Mas, com as ruins, temos que saber lidar... E a melhor forma de é encará-las como novos desafios. É nesses momentos que entram a revisão de nossos projetos e caminhos.

Há que se destacar, também, a necessidade de estarmos bem espiritualmente, para que possamos desfrutar de bons resultados e sucesso nos empreendimentos iniciados. Se é que existe uma receita para trilharmos o caminho da felicidade, ela certamente tem como ingrediente essencial a saúde espiritual, muito ligada à nossa mente. Se estamos descontentes com nós mesmos, todo o sucesso pessoal não nos será suficiente e a angústia sobrepor-se-á a esse sucesso. O ano de 2016 me foi muito especial nesse ponto e, estou certo, foi dos principais motivos de minhas vitórias.

Recorrendo à máxima de que se deve aprender com os erros do passado para não repeti-los no presente, desejo a todos os amigos um 2017 de muito aprendizado, muita perseverança e muitas amizades. Com o aprendizado, revisemos as imperfeições. Com a perseverança, vencamos os desafios. E com as amizades, partilhemos as vitórias. Dessa forma, tenho certeza, a retrospectiva deste ano será mais do que positiva!

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



Canto do paraíso prometido

Lá está meu canto

Entre o canto dos pássaros

Em árvores que dançam

Ao som do livre vento.

O vento incessante vagueia meu canto

E todos os pássaros correspondem

Emitindo doces notas de um paraíso encontrado

Num céu de esperanças sublimes.

Atrius Presencians

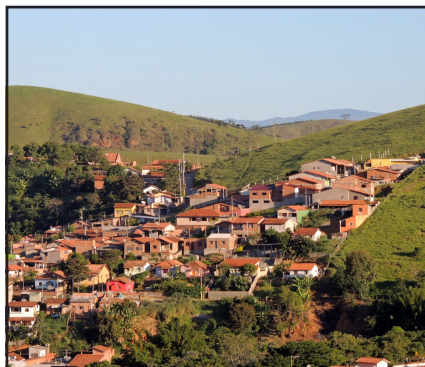


Foto Arquivo Pró-Memória

Proteger e conservar: obrigação de todos

A temperatura da Terra no ano que passou foi, de acordo com especialistas do clima, uma das mais elevadas da história. A mudança do clima tende a se agravar em decorrência do aquecimento global e o homem é um dos responsáveis por esse fenômeno.

Já há algumas décadas, estudos apontam para a necessidade de se mudar a relação predadora dos homens com o planeta. Apesar de inúmeras campanhas e trabalhos de sensibilização da sociedade para a importância de um meio ambiente equilibrado, muito pouco têm sido efetivamente realizado. Muitos acreditam que somente grandes ações capitaneadas pelos governos terão impacto nas mudanças necessárias. No entanto, toda sociedade é chamada a participar dessa cruzada.

O homem sempre teve uma relação predatória com a natureza e, portanto, cabe a ele se mobilizar pela sua salvação. A nenhuma outra espécie é dada a opção de destruir ou preservar. Apenas nós, humanos, por conta de nossos interesses, podemos explorar os recursos de uma floresta, colocando-a abaixo ou mantendo-a em pé. Na primeira opção, as consequências serão danosas e de longa duração. Na segunda, não há danos e os benefícios terão longa duração. Daí a necessidade de se trabalhar o conceito “Proteger e conservar: obrigação de todos”, que exprime a ideia de que a defesa do meio ambiente é fundamental na sociedade.

A preocupação com o equilíbrio ambiental é um tema cada vez mais atual. Desenvolver ações a favor do meio ambiente, preservar os ecossistemas e evitar o des-

perdício de recursos naturais não são mais ações apenas para ambientalistas. Para revertermos ou mitigarmos o quadro de aquecimento do planeta são necessárias ações de toda sociedade. A conscientização ambiental é fundamental. Para um mundo melhor, devemos começar por pequenas ações em nossos quintais e estendê-las por nossas ruas e por todo o município. Nas cidades, para amenizar o calor cada vez mais forte, são necessárias ações simples como recuperar e restaurar nossas encostas e áreas de proteção ambiental com espécies nativas. A arborização adequada é muito importante para o conforto ambiental nas cidades. A vegetação reduz os extremos de temperatura, absorve ruídos, além de embelezar a paisagem. Proteger e conservar é obrigação de todos.

Uma política falida

Ainda envolto na ressaca produzida pelas tragédias do ano passado, o Brasil iniciou 2017 como palco de duas barbáries: em um intervalo de apenas seis dias, produziram-se dois dos três maiores massacres do sistema carcerário brasileiro. Cinquenta e seis detentos foram assassinados em Manaus e outros trinta e seis em Boa Vista – em número de mortos, as duas chacinas só ficam atrás do famigerado Massacre do Carandiru, de 1992. Ainda que o Ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, vacile em apontar as razões do ocorrido, as declarações dos juízes das Varas de Execução Penal do Amazonas e de Roraima, responsáveis por acompanhar o cumprimento das penas nos respectivos estados, são robustas em apontar a disputa entre facções rivais no tráfico de drogas como fator gerador desses assassinatos.

Eventos bárbaros como esses, nos quais se chegou ao ponto de que seres humanos mutilados fossem transportados em caminhões de frigorífico, permitem reflexões sobre temas diversos que vão da indignação seletiva de parte dos brasileiros com o sofrimento humano à absoluta degeneração que leva pessoas a mutilarem outras. No bojo dessas reflexões, no entanto, há uma evidência gritante: a política de combate às drogas adotada pelo Estado brasileiro está falida. Dois sintomas desse fato têm relação direta com os massacres: a superlotação dos presídios e a guerra econômica entre os vendedores de drogas.

O primeiro sintoma está estatisticamente evidenciado. Segundo o Infopen (levantamento nacional de informações penitenciárias) de 2014, o Brasil possui a quarta maior população carcerária do mundo, com pouco mais de 622 mil detentos. Em 14 anos, de 2000 a

2014, essa população cresceu 270%. Frente a um serviço caro e com dificuldades financeiras, o Estado brasileiro é incapaz de investir no sistema carcerário e o resultado disso é uma taxa de superlotação nos presídios de 161% - isso significa que, em média, um presídio com vaga para 100 detentos é ocupado por 161. Quando se olha para os crimes cometidos pelos que estão presos, encontra-se um motor da superlotação: o tráfico de drogas. A maioria dos presos brasileiros, 28%, está encarcerada em razão desse crime.

A contradição dessa história é que, apesar do tráfico ser a razão da maioria dos encarceramentos no Brasil, esse negócio econômico segue repleto de funcionários e dotado de lucros altíssimos. Segundo o Fórum Econômico Mundial, estima-se que, somente em 2011, o tráfico de drogas tenha gerado, no mundo, lucros em torno de 320 bilhões de dólares. Ou seja, a repressão ao tráfico de drogas não só é ineficiente no combate ao consumo como aumenta a população carcerária de um país, estimula a violência e gera lucros livres de taxação.

É notório o conservadorismo da população brasileira, especialmente quando se trata da dificuldade em lidar com a liberdade individual de outrem. No entanto, a sociedade brasileira pode iniciar um debate honesto sobre a regulamentação da produção e do uso de drogas no Brasil olhando para os graves problemas derivados da política falida de combate ao tráfico. Um olhar para experiências internacionais, como a do nosso vizinho Uruguai, que tem minado o poder do narcotráfico e reduzido drasticamente a violência associada, pode nos fornecer caminhos.

Rafael Domingues de Lima



Prefeita Teca Gouvêa, vice-prefeito Xeroso e oito dos nove vereadores de Piquete



Prefeita Teca Gouvêa presta juramento durante sua posse para o segundo mandato

Empossados os novos poderes Executivo e Legislativo de Piquete

“Uma de minhas principais metas é mostrar que é possível administrar uma cidade com orçamento pequeno, sem muitos recursos, desde que haja planejamento e seriedade no trato com os recursos públicos”.

Depois de diplomados em 15 de dezembro, tomaram posse, no dia 1º de janeiro de 2017, a prefeita reeleita, Teca Gouvêa, seu vice, Agnaldo Mendes, o “Xeroso”, e os nove vereadores. Seguindo o regimento da Câmara, a Sessão Solene da Câmara Municipal, que foi realizada no Salão Luiz Vieira Soares, foi inicialmente presidida pelo vereador Rodrigo Nunes, o mais votado em 2 de outubro passado. Após eleição interna, porém, a mesa diretora da Câmara passou a ser composta por: Presidente: Santana; Vice-Presidente: Rominho Eventos; 1ª Secretária: Malu; 2ª Secretária: Christian Uchoa. Esta diretoria estará à frente da Câmara Municipal no biênio 2017/2018.

Teca Gouvêa, em seu discurso, relatou as dificuldades que encontrou ao longo dos quatro anos de seu primeiro mandato e comemorou os resultados alcançados: “Neste período difícil da história de nosso país, em que muitos municípios se encontram com dificuldades de ordem econômica, nossa administração conseguiu sanar compromissos financeiros e, com responsabilidade e o apoio dos funcionários públicos municipais, pôde garantir uma gestão competente e eficaz”. Teca lembrou a importância dos esforços de colaboradores comprometidos, de parceiros sérios e de muitos amigos de Pi-

quete, e ressaltou que todo incentivo e apoio são bem-vindos.

Se, por todo o Brasil capitais e municípios menores estão declarando “calamidade financeira”, o primeiro mandato de Teca Gouvêa foi finalizado atendendo à Lei de Responsabilidade Fiscal, sem nenhuma dívida com fornecedores e com o salário dos funcionários públicos estritamente em dia. Além disso, a prefeita reeleita destacou as obras executadas nas áreas da Saúde e da Educação, além da recuperação de bens patrimoniais tombados no município: o Cine Estrela, o Elefante Branco e o antigo Hospital da FPV.

Para este novo mandato, a prefeita municipal, agora contando com o apoio do vice-prefeito Xeroso, afirmou que grandes desafios ainda são esperados, em função, especialmente, da diminuição crescente dos recursos provenientes dos governos federal e estadual, mas se comprometeu a manter o empenho para garantir excelência nos serviços prestados pela Prefeitura e melhor qualidade de vida para os piquetenses. A receita é simples: manter a prioridade para a Saúde, a Educação e a folha de pagamento dos funcionários, além de gastar de acordo com os recursos disponíveis e, uma vez iniciada uma empreitada, honrar os contratos.

À Câmara Municipal cabe legislar em favor do município e dos piquetenses. Divergências políticas devem ser deixadas de lado quando o interesse for o progresso de Piquete.

A frase citada no início deste artigo foi dita pela então recém-eleita Teca Gouvêa, em 2013. Ao iniciar seu segundo mandato, evidencia-se que a meta estabelecida foi atingida: a Prefeitura de Piquete é referência para muitos administradores municipais neste período de crise.

Que os próximos quatro anos sejam de conquistas para esta administração, o que significará prosperidade para o município e para os piquetenses!

Legislativo de Piquete 2017/2020

Santana (Presidente)
Rominho Eventos (Vice-Presidente)
Malu (1ª Secretária)
Christian Uchoa (2º Secretário)
Claudinei
Heloízio dos Marins
Junhô
Professor Doni
Rodrigo Nunes

Prefeita Teca Gouvêa discursa por ocasião de sua posse



Prefeita, Vice-prefeito, a Juíza, Dra. Kátia Margarido, e representante do Cartório Eleitoral



Mesa de autoridades no dia da Diplomação de Prefeita, Vice-prefeito e vereadores